



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
MONOGRAFIA III

NICHOLAS WINTON, IRENA SENDLER E OS JUDEUS SOBREVIVENTES DO
HOLOCAUSTO, APESAR DA PROPAGANDA E DA TRUCULÊNCIA NAZISTA

Prof. Guilherme Amaral Luz
Clarice dos Santos -11211HIS202

Uberlândia, MG
2017

Sumário

1. Introdução	2
2. Capítulo I – O Nazismo	4
3. Capítulo II – A Propaganda Nazista	7
4. Capítulo III – A Beneficência aos Judeus	14
5. Problemas, Hipóteses	15
6. Capítulo IV - Irena Sendler	16
7. Capítulo V - Como ficou conhecida a história de Irena Sendler	18
8. Capítulo VI - Nicholas Winton	20
9. Conclusão	22
10. Referências Bibliográficas	24

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo trazer de volta as lembranças de algumas pessoas benevolentes que, de forma altruísta, arriscaram suas vidas e as de suas famílias, para salvar, da morte certa das mãos dos nazistas, criaturas que elas nem conheciam.

É necessário resgatar a história dessas pessoas, recuperar a memória das ações desses voluntários que se mostraram destituídos de interesses pessoais, para se dedicar, por completo, à vida de outros seres que, nem sequer, faziam parte de seus conhecidos, de seus amigos, de sua etnia, de suas crenças.

Histórias de pessoas generosas devem ser levadas em consideração, pois elas são dotadas de enorme prodigalidade. Seu manifesto interesse foi servir ao próximo, com total abnegação, esquecendo-se de si ou apoiando-se em uma crença superior de que iriam conseguir vencer todos os obstáculos, mesmo que isso parecesse certamente impossível ou improvável. Pessoas que se arriscaram para o bem do outro, que viram as barreiras superáveis, apesar da monstruosidade real que as aguardavam, merecem ser lembradas, reverenciadas.

A História tem registrado, em suas páginas, milhares, milhões de relatos, de estudos, de pesquisas, envolvendo a guerra, o domínio, o saque, o massacre, a escravidão, a exploração, a espoliação que, muitas vezes, recebem nomes mais aceitáveis socialmente, tais como: colonização, conquista e muitos de seus “colonizadores, “conquistadores” foram chamados de heróis.

A grandeza dos gestos de uma pessoa consiste em levar para outra ou para um povo a vida ou a sobrevivência, em resgatar-lhe a dignidade, em entregar, às criaturas, direitos perdidos por fatalidades ou arrancados por mãos de seres egoístas, ambiciosos, perversos.

Abnegação, fraternidade, solidariedade, benevolência são substantivos abstratos e, para que o homem passe a concretizar ações desse teor, necessita ver, ouvir, assistir histórias, relatos, gestos dessa natureza. Ele precisa entrar em contato, de alguma forma, com exemplos de ações altruístas, para que desenvolva a inteligência emocional, para que aprenda a servir o outro, para que sinta um outro tipo de prazer, o prazer de ajudar a construir a paz.

Há um psicólogo americano chamado Daniel Goleman que criou a teoria da Inteligência Emocional, que é o aprimoramento de um talento em que uma pessoa passa a perceber e a avaliar, cuidadosamente, as emoções em si e nos outros ou elaborar, planejar e a controlar expressões emocionais para que elas facilitem seu pensamento e ações.

Goleman (1998, p. 88) em seu livro diz que:

A inteligência emocional é a capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos, de gerir bem as emoções dentro de nós e de nossos relacionamentos, de manter o autocontrole que o acaso nos impõe, de perceber e exprimir a

emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela e saber regulá-la em si próprio e nos outros e de não nos tornarmos um escravo da paixão.

Para que a pessoa possa saber de que o outro precisa, é necessário que ela tenha empatia, que é a capacidade de colocar-se no lugar do outro, de imaginar o que o outro sente ou de que ele precisa. Para isso, é preciso que o indivíduo se conheça, que saiba reconhecer os próprios sentimentos, que consiga identificar as emoções em si e nos outros, que dê conta de diferenciar emoções negativas das positivas.

Goleman (1995, p. 133) explica: “A empatia é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio”.

Existe um outro psicólogo americano que desenvolveu a teoria de que o ser humano possui potencial para desenvolver sete inteligências. Ele criou a teoria das Inteligências Múltiplas, dentre elas, a inteligência intrapessoal e a interpessoal. A intrapessoal diz respeito à capacidade que uma pessoa possui de voltar-se para si mesmo, de avaliar seus sentimentos, de compreender-se a si mesmo, de conseguir fazer previsões de suas reações, de discriminar e controlar suas emoções. Uma pessoa que a tenha desenvolvido, está mais propensa para desenvolver a inteligência interpessoal, que é a aptidão de entender o outro: suas intenções, motivações, desejos, sentimentos, emoções, necessidades e, por isso, desenvolve uma disposição para trabalhar cooperativamente com os outros

Gardner (1995, p. 27) explica que

A inteligência interpessoal está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes entre seus estados de ânimos, temperamentos, motivações e intenções. Em formas mais avançadas, essa inteligência permite que um adulto experiente perceba as intenções e desejos de outras pessoas, mesmo que elas os escondam.

2 . Capítulo I - O Nazismo

Snyder explica que em 05 de janeiro de 1919, Anton Drexler, político alemão de extrema-direita, juntamente com Karl Harrer, jornalista e político alemão, fundou o DAP - Partido dos Trabalhadores Alemães. As reuniões desse partido ocorriam nas cervejarias da cidade de Munique. Além desses dois, havia também um jovem poeta e dramaturgo, usuário de morfina, chamado Dietrich Eckart que, por ocasião do uso dessa droga, passou a apresentar sérios problemas mentais, tendo sido internado em manicômio várias vezes. Ele era extremamente antissemita e num de seus discursos na VRIL, uma sociedade secreta na Baviera, exatamente no dia 14 de agosto de 1919, conheceu e influenciou rapidamente um rapaz chamado Adolf Hitler que, para se recuperar da

frustração de não ter sido considerado talentoso para as artes plásticas numa academia de Viena, passou a integrar o exército alemão, lutando com heroísmo na Primeira Guerra Mundial, sendo, inclusive, homenageado por isso.

Savelle (1964, p. 230) explica que a Alemanha foi derrotada e esse fato causou uma profunda decepção no jovem Hitler, que era um simples cabo. Em 12 de setembro do mesmo ano, ele filiou-se ao DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães). Poucos meses depois, tornou-se o orador mais importante do grupo. Um de seus discursos intitulou-se: “Porque somos antissemitas”. Acreditava que poderia atrair militantes nacionalistas, usando a estratégia do antissemitismo. É verdade que ele odiava os judeus, mas o motivo de ter criado o partido nazista e o III Reich foi uma represália alemã ao Tratado de Versalhes, pela derrota e humilhação sofridas na Primeira Guerra Mundial.

Em 1920, o nome do partido passou a ser Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Hitler tornou-se o líder e o chamou de Partido Nazista que, embora fosse pequeno, foi crescendo, recebendo cada vez mais a adesão dos *lumpen* (vagabundos): mendigos, dependentes químicos, criminosos, desempregados, ex-combatentes, policiais que integravam as SA (Tropas de Assalto) ou a polícia paramilitar nazista que, alguns anos depois foi substituída pela SS, tão temida por todos. Elas atacavam comunistas, operários e sindicalistas.

Os nazistas pregavam a superioridade do povo alemão, pertencente à raça ariana, por isso reiteravam que quem não possuía essas características precisava ser exterminado. Por isso, o alvo de suas sangrentas perseguições foram os ciganos, os negros e outros “degenerados” como homossexuais, os Testemunhas de Jeová, os deficientes físicos e mentais, mas sobretudo os judeus.

Hitler expressava a ideia de ser o salvador do povo alemão, livrando-o da “encarnação da profanação racial” quando se deu conta, aos dezenove anos, após a morte de sua mãe, por ocasião de sua ida a Viena. Ele viu que a capital do império austro-húngaro era habitada por diversas comunidades de polacos, judeus, italianos, croatas etc. Dizia que precisava libertar o povo alemão dessa “perigosa” mistura de raças. Achava-se sucessor do fundador da nação germânica como Bismarck e identificava-se com os guerreiros germânicos da Idade Média.

Uma das regras para se integrar ao partido nazista era que os quatro avós não fossem hebraicos. Hitler não conheceu seu avô paterno e não poderia provar que ele não era de ascendência semita. Isso o fazia ficar desconfiado de sua própria origem. Esse suposto sentimento de inferioridade ou de dúvida de sua verdadeira identidade, somados ao fato de ter perdido o pai quando ainda era bebê e a mãe quando tinha dezenove anos, passando privações na vida, fizeram com que ele tentasse resolver essas adversidades por meio da violência e suas primeiras vítimas foram os judeus, depois os tchecoslovacos, quando ordenou que os nazistas invadissem parte do território e depois todo o país, e, em seguida, a Polônia, vários outros países e inclusive a Rússia.

Três anos depois, em 1923, o partido cresceu vertiginosamente, chegando ao total de 55 mil filiados, muitos deles influentes no Governo, no Exército e na alta burguesia. Acredita-se que essa adesão maciça seja devido à capacidade retórica de Hitler contra os judeus, fazendo que milhares de pessoas passassem a incorporar suas tropas. O fato é que os ideais do Nazismo preencheram os anseios dos alemães e Hitler soube explorar os medos do povo, dentre eles: o capitalismo numa época de crise pós-guerra, o crescimento da esquerda atuante e também o sentimento de humilhação nacional pela derrota na Primeira Guerra Mundial.

Havia uma disputa entre a ideologia democrática e a comunista, desgastando a Alemanha. O Nazismo passou a ser uma terceira possibilidade, mas para muitos, era a única opção para se evitar a derrocada do Liberalismo alemão incipiente, descambando numa Revolução do Proletariado.

Konder (1977, p. 44) relata que a crise política e econômica fez com que ocorresse uma rebelião, em novembro de 1923, numa cervejaria de Munique, sob inspiração do Fascismo do italiano Benito Mussolini, em que os nazistas deram um golpe de Estado para governar a Alemanha. Hitler, que era o líder, foi preso. Sua pena, que havia sido estipulada para cinco anos, foi abrandada para apenas doze meses e durante esse tempo, descansando no cárcere, ele escreveu um livro intitulado “Mein Kampf” (“Minha Luta”) em que expressou os principais pontos de sua doutrina, o Nazismo, que tinha como ideologia o nacionalismo alemão exacerbado, o racismo, a crítica ao capitalismo internacional, o militarismo poderoso e o antimarxismo, mas principalmente o antissemitismo, pelo fato de ele responsabilizar os judeus pela situação econômica aviltante do país.

Hitler (2016, p. 33) em seu livro, expressa-se muito preconceituoso. Ele escreveu: “Em Linz, havia muito poucos judeus. Com o decorrer dos séculos, o aspecto do judeu se havia europeizado e ele se tornara parecido com gente”.

Konder (1977, P. 46) fala que a crise de 1929 só fez aumentar o desemprego e o aumento da inflação, piorando o cenário político e econômico da Alemanha. Por esse motivo, os nazistas foram bem cotados nas eleições para o parlamento.

Os discursos de Hitler agradavam, em geral, a população carente de uma nação em crise, pois para eles, prometia retomar o crescimento econômico por meio de um Estado Forte. Ele conseguiu persuadir, dominar, regular a vontade e a vida de todo seu exército e também de boa parte da população da Alemanha, por meio desses discursos inflamados, carregados de uma ideologia massacrante, prometendo um futuro melhor para o III Reich, que, segundo sua crença, duraria mil anos.

O exército de Hitler chegou a possuir 10 milhões de soldados, seguidores cegos de sua doutrina pangermânica (a que acreditava na união dos povos germânicos da Europa Central), pois pregava a eugenia de uma raça nórdica (cabelos loiros, levemente ondulados, pele rosada, olhos

azuis e crânio dolicocefalo), antissemita, anticomunista, totalitária e a oposição ao liberalismo econômico e político.

Recebendo apoio das classes altas, Hitler subiu ao poder em 1933 na Alemanha, como chanceler, retirando-a da Liga das Nações, que era uma instituição sediada na Suíça, por ser neutra, onde mais de 50 países membros concordaram em resolver seus problemas internacionais por meios diplomáticos. Com intenções bélicas, Hitler ordenou a remilitarização da Renânia, região próxima da França. Depois, incrementou o rearmamento geral. Em pouco tempo, os nazistas adquiriram armas de último modelo e em grande quantidade para abastecer um exército cada vez mais numeroso. Estava instaurado o Terceiro Reich, período em que o *führer* esteve no poder.

Uma das hipóteses a respeito da permissão da França e da Inglaterra para a Alemanha ter voltado a se armar é que muitos acreditavam que se o Terceiro Reich havia exterminado com o partido comunista, que havia na União Soviética, ia fazer desaparecer, da Europa, a ameaça bolchevique.

Foram criadas as Leis de Nuremberg, para “institucionalizar” a perseguição aos judeus.

3. Capítulo II - A Propaganda Nazista

Esta consistia, basicamente, em transferir para os judeus toda a culpa da forte crise pela qual a Alemanha passava. Sua intenção era fazer com que a população, por meio dos meios de comunicação, fosse “esclarecida” da necessidade de uma guerra total e do extermínio em massa dos judeus. Para “incrementar a propaganda nazista, pediu a seus cineastas a produção de filmes, “esclarecendo” a população sobre os “perigos” de se permitir a permanência de judeus de solo alemão. Um dos filmes que fazem parte da poderosa propaganda nazista é o “Triunfo da Vontade”, que influenciou fortemente outros filmes, documentários e também comerciais até nos dias de hoje.

Foi feito também um documentário para mostrar para os alemães a necessidade premente de eles se livrarem dos judeus. Esse documentário intitula-se “Eterno Judeu”, feito por alemães antissemitas em 1940. Ele mostra o dia a dia da vida dos judeus em um gueto polonês. Esse “trabalho” foi criado com o objetivo de manipular os alemães, mostrando o quanto os judeus eram aversivos, o quanto representavam uma ameaça para a Alemanha e para o mundo e, por isso, precisariam ser eliminados.

Um detalhe não falado no documentário é que os alemães invadiram a Polônia em 1º de setembro de 1939 e obrigaram os judeus a morarem em guetos e, inclusive, de que foram colocados mais de quatrocentos mil judeus num único gueto, num único bairro de Varsóvia, medindo 4 quilômetros quadrados, com insuficiência de alimentos e de higiene e, portanto, sem condições de sobrevivência decente.

Por não ser uma produção cinematográfica (não é ficção) e sim a exposição de cenas autênticas, o documentário foi usada como propaganda nazista para mostrar aos alemães que eles precisariam tomar consciência do grande perigo que assolava a Europa e que precisariam se unir para exterminar os “nocivos” judeus, comparados a ratos, com o risco, inclusive, de esses “seres asquerosos” propagarem doenças entre os arianos.

O narrador, profundamente preconceituoso, vai relatando, ao seu modo, o cotidiano dos judeus na Polônia e expressando seu ponto de vista a respeito dos semitas: pessoas indolentes, que não faziam nada de útil, que mostravam dificuldade em executar tarefas simples, que eram, na verdade, parasitas, e não trabalhadores urbanos nem camponeses e agiam com intuito de atrair piedade dos povos hospedeiros (os europeus). Ele também disse que os judeus eram extremamente ambiciosos, só pensavam em fazer negócio para enriquecer e, mesmo não sendo pobres, moravam em lares sujos e descuidados, cheios de insetos. Esses lares mostrados eram as casas do Gueto de Varsóvia. O que o narrador não fala é que os judeus foram “arrancados” de suas casas, que seus bens foram espoliados e que foram colocados à força naquele lugar indecente, com escassez de comida e produtos de higiene.

O narrador atacou também o que estava escrito nas escrituras sagradas dos judeus, especialmente no quinto livro de Moisés, em que está escrito que os judeus podiam emprestar dinheiro a juros para um não judeu e não para eles próprios, pois só assim Deus os abençoaria em todos os seus negócios, tornando a prática de negociar algo sagrado e o alemão declara que esse tipo de comportamento é incompreensível para os que não são judeus.

Também o documentário mostra que os alemães dão o justo valor a todas as atividades profissionais: à indústria, à construção civil, à agricultura e também a obras de arte, pois tudo isso tem valor para todos. Essa disposição para trabalhar do alemão, não encontrada nos judeus, mostra o quanto os arianos são responsáveis. Por outro lado, o narrador afirma que os judeus só valorizam o dinheiro e não importa como o conseguem e os mais espertos, ou seja, os mais inescrupulosos enriquecem às custas dos europeus, abrindo grandes lojas, armazéns e bancos.

O documentário também mostra as rotas migratórias judaicas realizadas por toda Europa e pelo mundo, a partir do incentivo à imigração feita por Alexandre, o Grande. “Há quatro mil anos, seus ancestrais hebraicos já perambulavam pelo mundo, fazendo suas especulações.” E que se os judeus tivessem ficado no Oriente, provavelmente, os alemães não se incomodariam com eles. O detalhe a se observar é o uso do termo “provavelmente”.

Foram comparados a ratos que são parasitas da humanidade e aonde vão, levam doença e destruição. Ao fazer essa comparação, o documentário mostra milhares de ratos juntos a alimentos e o narrador cita as doenças que eles transmitem: cólera, disenteria, lepra e febre tifoide. Assistindo a essa cena, qualquer pessoa sente nojo e essa associação de judeus a ratos faz com que eles sejam

considerados pessoas totalmente asquerosas. Depois, há a citação, verdadeira ou não, das ilegalidades cometidas por judeus: roubos, crimes internacionais, prostituição, jogos de azar etc.

Nesse documentário, os judeus foram acusados também de farsantes, pois alteram sua aparência para se “infiltrarem” na civilização ocidental, para mais facilmente explorá-la. Mesmo os que se casam com os ocidentais, continuam sendo “corpos estranhos”, pois seu único objetivo é obter benefícios, enriquecer-se sem trabalhar.

Em seguida, o documentário mostra uma cena de um filme feito por judeus americanos, intitulado “The house of Rothschild”. Nela, há judeus bem-sucedidos que escondem a prataria da casa, o assado, com o objetivo de mostrar que estavam pobres, para não pagarem impostos ao fiscal da renda. O pai combina com os familiares para que dissessem que eles não fazem negócio há cinco dias e a mãe incentiva as crianças a fazerem “cara de fome”. O fiscal pergunta pelo cheiro de carne assada e o pai diz que é a comida do vizinho. O fiscal acusa-o de ser o maior negociante da região, com renda anual acima de 20.000 dólares e acha o esconderijo do dinheiro e o patriarca diz: “talvez, 2.000 dólares”. Então, o filme reforça a ideia de os judeus serem mentirosos e exploradores mesmo, pois se humilham ao máximo para não pagarem impostos e ainda dão mau exemplo para os filhos.

Depois, mostra outra cena em que o pai fala para os filhos que mandar ouro por correio é muito perigoso, pois os inimigos e os ladrões podem roubá-lo e aconselha que cada um de seus cinco filhos abra um banco em países diferentes: na França, na Áustria, na Inglaterra, na Alemanha e na Itália e ainda disse: “Nossas cinco casas bancárias dominarão a Europa.”

Em seguida, o narrador fala que o caso da família Rothschild é um simples exemplo, pois os judeus espalham suas redes de influência financeira sobre os trabalhadores. São várias famílias judaicas de banqueiros, constituindo-se numa força financeira internacional, apesar de representarem apenas 1% da população mundial.

Depois, o narrador cita os ricos judeus de Nova York, vivendo como se fossem autênticos americanos inteligentes que prosperaram (sem esforço próprio).

Na cena seguinte, o narrador mostra vários judeus que trabalham em importantes cargos públicos na Alemanha no período depois da Primeira Guerra Mundial, como se estivesse interessados em salvar Alemanha do “buraco” em que ela estava.

Na próxima cena, o narrador mostra judeus incitando o povo a lutar por seus direitos e o narrador explica que estão agindo como “abnegados humanitários”, mas que na verdade, estão propondo a desordem e a liberdade irrefreada, levando jovens aos conflitos de classe e ao terrorismo e que essas ideias e doutrinas de destruição das nações brotaram de mentes judias como de Karl Marx, de Emma Goldman (Rosa de Luxemburgo) e de outras.

Depois, mostra a diferença na arte: os alemães valorizam a “beleza” do homem nórdico e os judeus expressam a feiura, a doença e a deformidade de seu povo, tornando-se algo anormal, grotesco, perverso e patológico e o pior é que suas obras foram encaradas por críticos de arte judeus da vida pública como “elevadas expressões artísticas”.

O narrador de Eterno Judeu argumenta que a perversão e o mau gosto estão expressos em todo tipo de arte judaica: pintura, cinema, literatura, teatro, trazendo a degeneração para a sociedade alemã: a traição, o assassinato, o homossexualismo, com o disfarce da discussão científica.

A esse respeito, Paxton (2007, p. 239) explica que os regimes fascistas lutaram para manter a ordem, a estética na arte:

As inquietações com a degenerescência cultural eram uma questão de tamanha importância que alguns autores chegaram a colocá-la como seu ponto central. Todos os regimes fascistas tentaram controlar a cultura nacional de cima para baixo, purificá-la de influências estrangeiras e transformá-la num veículo de mensagem de unidade e revivescimento nacionais.

Simon Schama (2010, p. 124) defende a ideia de que o poder da arte é o poder da surpresa perturbadora. Então, ele estaria ao lado da obra de arte dos judeus, tanto no cinema quanto na pintura, pois os judeus expressavam sua arte para chamar a atenção das pessoas. Isso foi mostrado no documentário “Eterno Judeu”. O que o narrador chama de patológico, grotesco, anormal, Simon Schama explica que a grande arte tem péssimos modos. Explica que as maiores pinturas são truculentas e impiedosas e não foram feitas para acalmar ou encantar. Elas não são delicadas.

Simon Schama também apresenta outro contraponto com o narrador de o “Eterno Judeu”, pois o alemão fala que os arianos reproduzem em suas obras a beleza nórdica e Simon disse que o artista deve inventar e não simplesmente copiar a natureza como se fosse um macaco.

O narrador de “Eterno Judeu” também critica Albert Einstein com sua “pseudociência” mascarada pelo ódio ao povo alemão.

Paxton (2007, p. 232) explica que os alemães criaram uma física alemã para ela se parecer superior ao do judeu que acabou se exilando nos Estados Unidos:

Os intelectuais enfrentavam pressões mais intensas na Alemanha Nazista. Os ideólogos nazistas tentaram reformular todo o pensamento, como, por exemplo, na criação da física alemã, que pretendia suplantear a Física judia de Einstein e com o “Cristianismo Germânico”, destinado a purificar a doutrina cristã das influências judaicas.

O narrador do documentário “Eterno Judeu” ainda cita vários outros judeus influentes na Alemanha e todos são passíveis de críticas pelos seus “maus comportamentos e suas perversas influências” para os bons costumes germânicos.

Depois, o narrador de Eterno Judeu mostra uma comemoração familiar do Purim Hebraico, festa em que se comemora o massacre de 75.000 antissemitas persas pelos ancestrais hebraicos e

que no dia seguinte descansaram. Os alemães, no dizer do narrador, são seres educados, objetivos e tolerantes e consideram esta comemoração como folclórica e estrangeira e interpreta que esta é a “raça de Israel”, esfregando suas mãos no banquete da vingança e que usam roupas ocidentais para esconderem sua natureza assassina.

Em seguida, explica que, desde a infância, os judeus aprendem as leis antigas nas escolas Talmud, mas que isso não é instrução religiosa, pois os rabinos ensinam valores políticos de uma raça parasita. Há críticas também na Torá em seu verso 290 que diz: “Glória ao Senhor, que separou as nações sagradas e as comuns”. E segundo estas escrituras, Deus matará até o melhor dentre os não judeus. E que por ter feito de Deus seu único Senhor, Deus ia fazer do povo judaico o governador do mundo. Para o narrador, isso não é religião, e sim uma conspiração contra todos os não judeus por um povo enganador e venenoso.

Por fim, há a exposição de cenas no documentário em que os judeus abatem animais e os deixam sangrando até a morte, mostrando que os hebraicos não têm respeito pelos animais, pois sentem prazer em ver o animal agonizando até a morte. Para resolver essa situação, os alemães fizeram leis para proibir esse tipo de abate, por ser indigno de uma nação civilizada e o partido nazista estava fazendo uma “limpeza” de todos os judeus que sob a direção de Adolf Hitler, nunca mais os judeus “poluirão” a nação germânica, pois uma guerra ao eterno judeu já estava acontecendo.

A expressão “eterno judeu” significa que, desde a antiguidade, os judeus estão agindo da mesma maneira, parasitando povos e não se modificaram e ainda passam de geração a geração seus costumes “insanos”, mas que isso precisaria ser destruído.

No parlamento onde Hitler foi nomeado primeiro-ministro em 1933, o palestrante disse que “o mundo está cheio de lugares para viver e que a noção de que o povo judeu foi escolhido por Deus para viver da produtividade de outros povos, finalmente terá um fim.” Disse também que os judeus teriam que se acostumar com a ideia de fazer algo respeitável e que a guerra que eles promoveram não seria uma vitória do Judaísmo, mas a destruição do povo judeu da Europa.

Arendt (1989, p. 391) explica que os movimentos totalitários, para se afirmarem em qualquer lugar, valem-se da propaganda totalitária. Hitler soube usá-la muito bem e para que tivesse maior credibilidade, inventou muitas mentiras para convencer seus “discípulos”.

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora – sejam as camadas não totalitárias da população do próprio país, sejam os países não totalitários do exterior. Essa área a qual a propaganda totalitária dirige o seu apelo pode variar grandemente; mesmo depois da tomada do poder, a propaganda totalitária pode ainda dirigir-se àqueles segmentos da própria população, cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente. Nesse ponto os discursos de Hitler aos seus generais, durante a guerra, são verdadeiros modelos de propaganda, caracterizados

principalmente pelas monstruosas mentiras com que o *Führer* entretinha os seus convidados na tentativa de conquistá-los.

Arendt (1989, p. 391) ainda explica que a propaganda bombardeia a mente das pessoas a quem ela é endereçada e que o terror, consequência dela, continua a atuar, destruindo ainda mais sua população alvo.

A propaganda é, de fato, parte integrante da guerra psicológica; mas o terror o é mais. Mesmo depois de ter atingido seu objetivo psicológico, o regime totalitário continua a empregar o terror; o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada. A propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário; o terror, ao contrário, é a própria essência da sua forma de governo.

O parágrafo acima pode muito bem ser evidenciado ao assistir o documentário “O Eterno Judeu” e em seguida assistir ao filme “O Pianista”, pois os judeus foram muito humilhados no documentário e continuaram a ser massacrados e destruídos em vários países europeus, o que foi mostrado no filme “O Pianista”, que mostra uma situação ocorrida na Polônia.

O narrador do documentário “Eterno Judeu” vai mostrando imagens e fazendo suas conclusões a respeito da “periculosidade” da presença dos judeus na Europa e argumenta várias vezes a favor da destruição deles, pois segundo a ideologia nazista, “o judeu é uma raça de parasita que explora o povo alemão”. No final, para mostrar que não haveria erro no que estava dizendo, que somente com a extinção total dos judeus da Europa é que os alemães encontrariam a felicidade.

Hannah Arendt (1989, p. 395) explica que para os totalitários, o resultado da propaganda não falharia, pois eles “sabiam o que estavam fazendo” e poderiam prever o sucesso de suas ações.

O efeito propagandístico da infalibilidade, o extraordinário sucesso que decorre da humilde pose de mero agente interpretador de forças previsíveis, estimulou nos ditadores totalitários o hábito de anunciar as suas intenções políticas sob a forma de profecias. O exemplo mais famoso é o anúncio que Hitler ao Reichstag alemão em janeiro de 1939: “Desejo hoje mais uma vez fazer uma profecia: caso os financistas judeus [...] consigam novamente arrastar os povos a uma guerra mundial o resultado será [...] a aniquilação da raça judaica da Europa”.

Nesse discurso, além de Hitler jogar a culpa nos judeus ao arrastamento dos povos a uma guerra mundial, ainda afirma que pretendia matar todos os judeus.

A mensagem transmitida no filme “O Pianista” é exatamente o contrário mostrada pelo documentário “Eterno Judeu”. O motivo já começa por quem o produziu. “O Pianista” foi feito por Roman Polanski, de ascendência judaica, sendo que ele e sua família foram perseguidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Sua mãe foi assassinada e seu pai seguiu para um

campo de concentração na Áustria. Roman ficou perambulando como mendigo nas ruas e florestas, comendo o que achava ou roubava, até que a guerra acabou.

Em “O Pianista”, os judeus são vítimas dos alemães que invadem a Polônia, forçam-nos a abandonarem suas casas, são levados para o Gueto de Varsóvia e vão sistematicamente sendo assassinados, humilhados, levados como escravos ou para a morte para outros locais em trens de carga de bois.

O protagonista, Wladyslaw Szpilman, foi separado de sua família por um policial judaico, seu amigo. Seus pais e irmãos e outras milhares de pessoas foram deportadas para o campo de extermínio em Treblinka. Ele passou a executar trabalho escravo como pedreiro. Ele lutou até o fim para sobreviver e, no final, foi exatamente um soldado alemão que se simpatiza com ele por ele ser pianista e leva alimentos para Wladyslaw. Quando a guerra acabou, ele voltou a ser pianista.

Paxton relata que Hitler gostava de música e que Wilhelm Furtwängler, seu conhecido, nunca se filiou ao partido nazista e que foi destituído de suas funções pelo *Führer* por insistir em defender a música judaica e tocar a música atonal do judeu Hindemith. Mesmo assim, gozou de privilégios sob o nazismo. Talvez seja por esse motivo que o soldado nazista tenha não só poupado a vida do pianista Wladyslaw Szpilman, mas também levar comida para ele nos escombros em que ele se escondia.

Embora a propaganda nazista afirmasse que os judeus teriam que ser exterminados pelos alemães, a imprensa não mostrava para todos a barbaridade que os soldados nazistas estavam fazendo.

Jeffrey Herf (2014, p. 300) afirma: “O controle da imprensa possibilitou ao regime nazista impedir que os alemães lessem declarações públicas de líderes da coalizão anti-hitleriana a respeito das atrocidades alemães.”

Há um momento em que o narrador de “Eterno Judeu” diz que se os judeus não tivessem saído do Oriente Médio, provavelmente, os alemães não se incomodariam com eles.

Jeffrey (2014, p.312) diz o contrário em seu texto: “Não apenas o regime nazista opunha-se ferozmente ao estabelecimento de um Estado judaico na Palestina e apoiava os árabes antissionistas.”

O filme “O Pianista” mostra claramente uma aversão germânica não só contra os judeus, mas também aos soviéticos.

Jeffrey Herf (2014, p. 312) expressa essa dupla antipatia em seu texto, ao citar a manchete da capa do VB de 12 de maio de 1944: “Unidos com a sede da revolução mundial, Moscou torna-se o primeiro centro do judaísmo mundial, Estado Judaico na Palestina torna-se pedra angular do controle soviético sobre o Mediterrâneo.”

Tanto no documentário “Eterno Judeu” quanto no discurso de Goebbels, citado por Jeffrey há a expressão de que os judeus, espalhados pelo mundo, constituíam uma ameaça para todos os povos: “O judaísmo internacional possuía vários métodos por meio dos quais oprimiam e dominavam as nações”.

Desde a propaganda nazista, vista em “Eterno Judeu”, usada para convencer e reforçar a ideia de que os judeus precisariam ser eliminados, para que os arianos sobrevivessem e pudessem, depois, viver com dignidade, mas foi a truculência nazista de extermínio em massa durante a Segunda Guerra Mundial, vista no filme “O Pianista”, que traz uma comoção geral.

Robert Paxton (2007, p.211) explica que: “A questão de maior carga emocional no debate intencionalista-estruturalista foi o Holocausto, onde a enormidade do resultado parecia exigir a presença de uma igualmente enorme vontade criminosa.”

4. Capítulo III - A Beneficência aos Judeus

Várias foram as pessoas, judias ou não, que ajudaram a salvar a vida dos judeus durante o genocídio da Segunda Guerra Mundial. Dentre eles, podemos citar o sueco Raoul Wallenberg, o alemão Oskar Schindler, o japonês Chiune Sugihara, os portugueses Aristides de Sousa Mendes, Campos Sampaio Garrido e o Padre Joaquim Carreira, os brasileiros Luís Martins de Souza Dantas e Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, a polonesa Irena Sendler, o britânico Nicholas Winton, dentre outros.

Há, em Israel, um Museu do Holocausto denominado Yad Vashem, construído para deixar como memória para as vítimas e para as futuras gerações o máximo de informações sobre tudo o que os judeus passaram nas mãos dos nazistas durante aqueles anos. Dentre os memoriais lá existentes, destaca-se “Os Justos entre as Nações”, utilizado para homenagear os não judeus que arriscaram suas vidas para salvar os judeus. Até 2008, já haviam sido feitas 22.000 homenagens a esses heróis. Todos se esforçaram voluntariamente para manter vivos todos aqueles indivíduos que estavam sendo aprisionados e espoliados em todos os sentidos, em campos de concentração e de extermínio, por um único motivo: serem judeus.

Katarina Stolz (2008, p. 1) relata que dois desses corajosos “Anjos da Guarda” merecem um destaque especial: Irena Sendler, que salvou milhares de crianças dos nazistas no Gueto de Varsóvia e que por isso, em 1965, recebeu o título de “Justa entre as Nações” pela organização Yad Vashem, sendo nomeada cidadã honorária de Israel e Nicholas Winton, que salvou centenas de crianças, mas não recebeu tal prêmio, pois tinha ascendência judaica. Esse “destaque especial” deve-se ao fato, não apenas por ter salvo tantas crianças, mas por terem-se mantido no anonimato por décadas, não fazendo propaganda de suas ações, depois que a “poeira baixou”, com o fim da guerra.

Ao perceber tanto egoísmo e individualismo no mundo, com a grande maioria das pessoas pensando só em si e nos seus, é de se emocionar ao se deparar com outras que se dispõem a trocar sua posição, seu emprego, sua vida, também em meio ao caos provocado pela guerra, para se dedicar a outros seres que nada ou quase nada lhe dizem respeito, “subvertendo” a Nova Ordem, instituída pelo poder majoritário das armas, do exército de milhões de indivíduos “sedentos por sangue”.

Ajudar os outros em tempo de paz já não é fácil, pois a pessoa tem que fazer algumas renúncias, como seu tempo livre para descanso, seu dinheiro em que poderia comprar o necessário, mas também o supérfluo, o convívio com os familiares e amigos, a dedicação a seu lazer preferido, um passeio, uma viagem ou qualquer outra atividade.

Mais difícil ainda é ajudar centenas, milhares de pessoas, no anonimato, no silêncio contra milhares de soldados armados, determinados a matar por apenas uma suspeita de “desobediência” dos que lhe são subalternos e além do mais, em tempos de racionamento de comida.

E foi o que muitos fizeram em prol dos judeus, enganando os nazistas, arriscando ser mortos a qualquer momento. Com medo ou nem tanto, foram firmes e desempenharam suas ações que ficaram para a História. Essas pessoas merecem grande consideração.

5. Problemas, Hipóteses

O que leva pessoas, aparentemente despretensiosas, a arriscar suas próprias vidas para salvar outras vidas, de outras pessoas, totalmente desconhecidas ? Será que essas pessoas sentem prazer em viver perigosamente ? Será que é desafiando os perigos todos os dias é que elas encontram algum prazer pela vida ? Ou realmente são pessoas benevolentes que não suportam ver a injustiça e “arregaçam suas mangas” e “partem para a luta”, custe o que custar ?

Pessoas que já superaram a mesquinhez humana vivem para servir. A satisfação de sua vida é justamente em causar alegria no próximo. Se isso não for possível, devido a uma série de complicações devido às circunstâncias, elas lutam ao máximo para diminuir o sofrimento alheio. Podem até não dar conta de resolver tudo no que se refere às adversidades do outro, mas, pelo menos, lutam com todas as suas forças para que o máximo de empecilhos sejam removidos.

Paxton (2007, p.211) explica que os regimes totalitários nazista e fascista não consultam a opinião pública a respeito de suas ações. Tornam-se governos antidemocráticos e para funcionar, valem-se do terror. As pessoas passam a concordar com o sistema não por convicção, mas por medo. Será que a maioria dos alemães concordava que os judeus eram inferiores e perigosos e que precisariam ser eliminados ? Esse tipo de pesquisa nunca foi feita durante o período em que Hitler

esteve no poder. Será que os alemães concordavam com a propaganda nazista, em documentários como “Eterno Judeu” ?

Paxton (2007, p.211) interroga: “Seria verdade que a maioria da população apoiava de forma consensual e até entusiástica os regimes fascistas ou ela foi obrigada a se submeter pela força e pelo terror ?”

O próprio Paxton (2007, p.211) já havia respondido a esta pergunta, quando relata casos em que a licenciosidade irrefreada dos nazistas chegou a tal ponto, que eles mesmo se puniam, por não respeitarem as leis de uma certa “quantidade de violência” que eles autorizavam.

A coexistência, no regime nazista, de grande meticulosidade jurídica e de ilegalidade ostensiva jamais deixa de provocar espanto. Ainda em dezembro de 1938, alguns judeus, vítimas da violência nazista individual e não autorizada, conseguiram fazer com que seus agressores fossem presos pela polícia alemã e punidos por tribunais alemães, justo no momento em que crescia a violência autorizada contra os judeus. Como lembrou um sobrevivente, anos depois, “os crimes não oficiais eram proibidos no Terceiro Reich”.

6. Capítulo IV - Irena Sendler

Era uma assistente social polonesa, católica que trabalhava no Departamento do Centro de Bem-Estar Social de Varsóvia, encarregada de cuidar do refeitório que acolhia os pobres em geral e em especial, crianças e idosos.

Em 1940, os nazistas criaram o Gueto de Varsóvia e ela foi conhecê-lo. Um dia, recebeu autorização para entrar lá. Ao se deparar com o que viu, ficou horrorizada com a maneira como as pessoas viviam lá. Então, conseguiu uma identificação para trabalhar no local. Pelo fato de os alemães temerem que se desencadeasse uma epidemia de tipo, permitia que os poloneses controlassem o lugar.

Mieszkowska (2014, p. 25) relata o que Irena disse a esse respeito:

Consegui para mim e minha companheira Irena Schultz identificações do gabinete sanitário, entre cujas tarefas estava a luta contra as doenças contagiosas. Mais tarde, tive êxito ao conseguir passes para outras colaboradoras. Como os alemães invasores tinham medo de que ocorresse uma epidemia de tifo, permitiam que os polacos controlassem o recinto.

Sensibilizada com a situação extremamente desumana como as pessoas eram tratadas lá: sem roupas adequadas para o inverno, muitos até seminus, dormitórios superlotados sem colchão, sem cobertura para todos, imundície, inclusive com grande presença de ratos e insetos, com escassez de alimentos, quando não de comida estragada, no final do verão de 1942, Irena se uniu ao movimento de resistência Żegota, o Conselho de Ajuda aos Judeus.

A ordem recebida dos nazistas era retirar de lá pessoas com tifo. Para melhor ajudar os judeus, passou a levar remédios, roupas e alimentos, de forma clandestina, aos milhares de sofrendores confinados por pessoas tão atroz.

Com a ajuda dos integrantes do movimento Żegota e de alguns colegas do Departamento em que trabalhava, passou a retirar crianças do gueto. Elas foram alojadas entre famílias católicas, orfanatos e conventos.

Mieszkowska (2014, p. 26) disse que o momento mais difícil era o de separação. Os pais não queriam ficar sem seus filhos e perguntavam-lhe se ela tinha certeza que seus filhos viveriam. Irena respondia que não sabia nem se conseguiria sair do gueto, mas dizia também que se eles permanecessem ali, logo morreriam. Quando ela e os companheiros voltavam ao local para tentar novamente convencer a entregar as crianças, todos já tinham sido levados para campos de extermínio. Toda vez que isso acontecia, ela se esforçava mais para salvar as crianças. Ela as retirava de lá de ambulância, anunciando aos nazistas que eram portadoras de tifo. Depois, colocava-as em cestos de lixo, em caixas de ferramenta, em sacos de batalha e até em caixões de defunto. Tudo se transformava em instrumentos para salvar as crianças. Ela administrava um calmante nas menores, para que não chorassem.

Mieszkowska (2014, p. 28) disse que com a ajuda de seus colaboradores, criou um arquivo falso em que ia anotando os nomes verdadeiros das crianças e os novos nomes não judeus para que conseguisse encaminhá-las para a adoção em famílias católicas que poderiam cuidar delas. Ela anotava, em papeizinhos, as reais e as falsas identidades das crianças, colocava-os em vidros de conserva e os enterrava embaixo de uma macieira no quintal de seu vizinho. Ela sabia que um dia a guerra acabaria e as crianças poderiam recuperar suas verdadeiras histórias. Ninguém sabia que ela estava guardando o passado de 2.500 crianças.

Mieszkowska (2014, p. 28) relata que suas ações eram totalmente secretas, até que em 20 de outubro de 1943, a Gestapo, a polícia secreta nazista, tomou conhecimento de suas atividades. Ela foi encarcerada na prisão de Pawiak, foi torturada ao extremo pelos nazistas que lhe quebraram os pés, as pernas e os braços, a pauladas, mas não conseguiram quebrar-lhe sua determinação. Ela sabia que se fizesse isso, todas as crianças, as famílias adotivas e seus colaboradores seriam assassinados. Preferiu suportar todas as dores sozinha. Foi condenada à morte e enquanto esperava sua sentença, um soldado alemão levou-a a um lugar para lhe fazer um “interrogatório adicional” e, ao chegar lá, ele disse em polonês: “Corra”.

Depois descobriu que os membros da Żegota corromperam os soldados, encarregados da execução. Também foram “subornados” pela resistência daquela mulher e pelo fato de ela ser a única que sabia a localização do “arquivo” secreto. Ela foi abandonada com os membros quebrados no meio de uma floresta.

No colchão de palha da prisão, encontrou uma estampa de Jesus com a inscrição “Jesus, em vós confio” que ficou com ela até 1979, quando a entregou ao papa João Paulo II. O nome dela constava na lista dos executados, por isso, mudou seu nome para Jolanta e continuou trabalhando até que a guerra acabou. Então, ela desenterrou os vidros, para tentar resgatar as famílias das crianças e devolver-lhes suas identidades judaicas. Ela contou com a ajuda de Adolf Berman, o primeiro presidente do Comitê de Salvação dos Judeus Sobreviventes. Porém, não conseguiu muito, pois a maior parte das famílias havia sido assassinada.

Katarina Stolz (2008, p. 1) relata que em 1965, Irena recebeu o título de “Justa entre as Nações” pelo Yad Vashem, o museu do Holocausto de Jerusalém, mas não pôde ir a Israel, pois o governo da Polônia a impediu, pois o país vivia sob regime comunista.

Anos mais tarde, sua história saiu num jornal junto a algumas fotos. Umas pessoas a reconheceram e foram visitá-la. Um deles disse-lhe: “Lembro-me de seu rosto. Sou um daqueles meninos. Devo-lhe minha vida e meu futuro e gostaria de vê-la”. Irena morava num asilo de Varsóvia numa cadeira de rodas, pelas lesões sofridas pela Gestapo e em seu quarto havia fotos suas com algumas daquelas crianças.

Katarina Stolz (2008, p. 1) disse que em 2007, foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz, pelo governo da Polônia, mas nunca se considerou uma heroína. Numa das entrevistas, respondeu: “Poderia ter feito mais. Este lamento me acompanhará até o dia de minha morte.”

7. Capítulo V - Como ficou conhecida a história de Irena Sendler

O professor Norm Conard (2000) relata em seu documentário que a história de Irena Sendler começou a ser desvendada em 23 de setembro de 1999, quando ele, sendo um professor de História de uma escola rural do Kansas chamada Uniontown de ensino médio (High School), pediu para que seus alunos fizessem um projeto inédito para comemorar o Dia Nacional da História. Ele apenas sugeriu que os adolescentes dessem uma lida nos recortes do jornal News and World Report que ele havia levado dentro de numa caixa. Um deles intitulava-se “Outros Schindlers” e mencionava uma mulher desconhecida chamada Irena Sendler que havia salvo 2.500 crianças do Gueto de Varsóvia.

Os grupos foram se formando, até que quatro garotas (Megan Felt, Elizabeth Stewart, Sabrina Murphy, Liz) resolveram se unir e conhecer mais sobre o holocausto. A princípio, elas se perguntaram: “Como ela havia salvo tantas crianças e nós nunca tínhamos ouvido falar sobre ela?”

O professor Norm Conard (2000) relatou que quando as meninas escolheram fazer sobre Irena Sendler, não havia nada sobre ela disponível nos meios de comunicação, pois a Polônia era um país comunista e o governo não permitia que se divulgasse esse tipo de assunto. Mesmo assim, usando a internet, as estudantes começaram a encontrar pedaço por pedaço da história de Irena.

Elas encontraram um site “The Jewish Foundation for the Righteous” que confirmou a façanha de Irena em alguns parágrafos. Então, elas começaram a pesquisar sobre o Gueto de Varsóvia, o Holocausto, A Segunda Guerra Mundial, os salvadores de judeus, crianças que ela havia salvo, mas não havia nada sobre ela nesses assuntos. Por esse motivo, as adolescentes resolveram mandar um e-mail para um representante do site “The Jewish Foundation for the Righteous”, relatando a informação que tinham e perguntaram se ele poderia ajudá-las. Um deles respondeu ao e-mail, dizendo que Irena ainda estava viva, morando em Varsóvia, mandando-lhe também o endereço. Elas ficaram eufóricas, resolveram que aquele seria o projeto delas e mandaram uma carta para Irena, com uma cópia do *script* do projeto, fotos das integrantes do grupo e dinheiro para Irena responder a carta.

Poucos dias depois, em fevereiro de 2000, a menina Liz correu pelos corredores da escola, gritando de alegria que elas haviam recebido a carta de Irena. A primeira linha da carta de Irena foi: “As minhas queridas meninas muito perto do meu coração”. Irena demonstrou estar disposta a compartilhar sua história.

Na carta, Irena relatou que tinha pesadelos todos os dias, por achar que não havia feito o suficiente e que poderia ter salvo muito mais crianças. Também contou da dificuldade de convencer os pais que colocaria os filhos numa casa de família polaca católica, num convento ou orfanato, anotaria todos os dados, pois sua intenção era devolver as crianças às suas famílias de origem, depois que a guerra acabasse. Relatou também sobre o arquivo secreto que fez e que colocava as informações sobre as crianças dentro de potes de vidro, enterrava-os debaixo da macieira no jardim do vizinho, do outro lado da rua, onde ficava um quartel alemão e nenhum dos nazistas desconfiou de nada.

O professor Norm disse que a partir dessas informações, as meninas fizeram uma peça teatral intitulada; “Life in the Jar” e apresentaram na escola. Outras meninas e meninos foram inseridos nesse projeto. A peça foi apresentada 345 vezes em várias cidades dos Estados Unidos, no Canadá e até na Europa, na própria Polônia depois.

Um judeu assistiu a uma dessas apresentações nos Estados Unidos e perguntou se poderia almoçar com eles. Durante a refeição, o judeu perguntou-lhes o que eles queriam. O professor e as alunas responderam que gostariam de ir à Polônia e conhecer sua heroína. Uma das meninas contou ao judeu que elas estavam vendendo barras de chocolate para ter o dinheiro para fazer a viagem. O judeu perguntou quanto elas já tinham e elas responderam: US\$ 75. O judeu achou graça e começou a levantar dinheiro para elas a partir daquela noite e quarenta e oito horas depois, elas já tinham o suficiente para fazer a viagem. O judeu fez um acordo com elas que daria o dinheiro, mas que, ao voltarem, iriam a sua sinagoga no dia 12 de setembro de 2001. Elas concordaram.

Em seguida, relatam a grande emoção ao entrarem no apartamento de Irena. Foram muitos abraços, tiraram muitas fotos. Irena contou que seu filho morreria de ataque cardíaco e que seu marido Adam também já havia partido e que o professor Norm do Kansas e as alunas eram agora sua nova família. Ela contou muitas coisas, dentre elas a de que seu pai havia lhe ensinado, em tenra idade que, se ela visse uma pessoa se afogando, ela deveria salvá-la, mesmo se não soubesse nadar, independentemente da nacionalidade ou religião da pessoa.

O professor Norm afirmou que logicamente que a vida de Irena havia mudado também, pois ela passou de uma pessoa desconhecida em seu próprio país, a uma pessoa conhecida em todo o mundo.

No dia 10 de outubro de 2003, Irena foi homenageada com a Ordem da Águia Branca, a mais alta condecoração civil polonesa.

Em 2007, um empresário da Califórnia, dono de uma empresa chamada Lowell Milken Center, que faz muitos investimentos em fundações educacionais, queria desenvolver projetos com professores de todo o mundo sobre esse tipo de história e, então, o professor Norm fez, com seus alunos, centenas de projetos como este entre 2007 e 2013 nos 50 estados dos Estados Unidos e ajudou 25 países também a fazerem projetos semelhantes a esses.

Em 2007, ela foi indicada para o Prêmio Nobel da Paz pelo presidente da Polônia e pelo primeiro-ministro de Israel. No mesmo ano, foi homenageada com a Ordem do Sorriso, a única adulta do mundo a receber tal prêmio e no ano seguinte, o grupo fez a última viagem para ver Irena e ela disse ao grupo: “Vocês mudaram o meu país e o seu. Vocês mudaram o mundo.”

O grupo retornou aos Estados Unidos e na véspera de ir à sinagoga, conforme combinado com o judeu, houve o atentado nas torres gêmeas de Nova York. O rabino foi chamado à escola e ele afirmou que 600 pessoas estavam lá esperando que elas lhes contassem uma verdadeira história de bravura, coragem e esperança.

O professor relatou que quatro adolescentes (dentre elas, Megan Felt, Sabrina Murphy, que leram o artigo, fizeram várias pesquisas pela internet e descobriram que essa mulher havia vivido na Polônia). Quando da conclusão desse 50º projeto, ele não se sentiu apenas o professor, mas também o facilitador da aprendizagem dos alunos. Em 13 de maio de 2008, Irena morreu aos 98 anos.

8. Capítulo VI - Nicholas Winton

Sérgio Chapelin (2011), numa reportagem do Globo Repórter, relata que Nicholas George Winton era membro da Ordem do Império Britânico e, em 1938, quando havia se decidido a sair de

férias para a Suíça, aceitou um convite de seu amigo Martin Blake para ajudá-lo a salvar judeus do perigo nazista na Tchecoslováquia. Chegando lá, percebeu o quanto a população estava com medo e, então, teve a ideia de enviar as crianças judias para outros países. Com iniciativa própria, começou a escrever para vários países, pedindo ajuda. Primeiramente, organizou uma lista de nomes. Apenas a Inglaterra e a Suécia aceitaram receber aquelas crianças. A partir daí, começou a organizar a viagem. Não foi fácil. Para escapar do horror nazista, as crianças precisariam ser mandadas para bem longe dos pais. As crianças não sabiam que nunca mais veriam seus pais novamente, pois a maioria era de judeus e, por isso, morreriam nos campos de extermínio.

As crianças foram colocadas em trens e, durante nove meses, Winton salvou 669 crianças. Quando elas desembarcaram na Inglaterra, ele já estava lá esperando por elas. Aconteceu um fato que o deixou triste: no dia em que o nono trem com 250 crianças ia sair do país, coincidiu com a declaração de guerra do Reino Unido à Alemanha e, por isso, ele não conseguiu sair da Tchecoslováquia e aquelas crianças nunca mais foram vistas, pois todas morreram em campos de extermínio. Winton resolveu alistar-se na força aérea. As crianças que tiveram tempo de embarcar na caravana organizada por Winton foram encaminhadas para casas de família e abrigos.

Depois de serem mandadas para a Inglaterra e para a Suécia, as crianças se espalharam por vários países. Elas cresceram sem nunca mais ouvir falar daquele que as salvou. Elas tornaram-se adultas, casaram-se e estima-se que seus descendentes cheguem a 5000 pessoas.

Quando suas ações tornaram-se conhecidas, ele passou a receber todo tipo de homenagem: a rainha da Inglaterra chamou-o ao palácio para lhe entregar uma condecoração; o governo da República Tcheca fez-lhe uma grande homenagem, colocando seu nome em uma escola de nível elementar e recebeu a Cruz do Mérito do Ministério da Defesa; o presidente dos Estados Unidos, Jorge W. Bush mandou-lhe uma carta de elogios e agradecimentos, mas o reconhecimento mais comovente veio daqueles que Winton salvara.

Sila lidskosti da Czech News Události, relata que um programa de TV inglês encheu o auditório de sobreviventes que foram salvos por ele quando eram crianças e que nunca o tinham encontrado. Primeiro, a apresentadora avisa a Winton que a mulher sentada ao lado era uma daquelas crianças salvas por ele. Eles se emocionam e se abraçam. Em seguida, a apresentadora pede para ficar de pé quem havia sido salvo por ele. Todos da plateia se levantaram e ele se assustou. Ele se levantou, olhou para trás e para os lados e todos o aplaudiram demoradamente. Algumas lágrimas saltaram de seus olhos. Ele só disse uma palavra: “obrigado”.

Sérgio Chapelin (2011) também relata que no ano de 2007, aos 98 anos de idade, Nicholas Winton deu uma entrevista ao Fantástico, programa da Rede Globo, e, sua casa na cidade de Maidenhead, no interior da Inglaterra, disse que sua diversão era cuidar do jardim. Usava seu tempo livre para ajudar um asilo. O repórter lhe perguntou por que ele guardou segredo por tanto

tempo. Ele disse que não havia ficado em silêncio. Ele simplesmente não tinha o que dizer do que havia feito.

Sérgio Chapelin (2011) disse que Winton escondeu de todos, inclusive de sua esposa, o que tinha feito. Guardou esse segredo por muitos e muitos anos até que um dia, sua esposa foi arrumar o sótão de sua casa e encontrou um velho álbum coberto de poeira. Ela o limpou e começou a folheá-lo. Nele, havia fotos de crianças com suas identificações, cartas, telegramas e uma lista com nomes e datas. Ela o interrogou e ele explicou que aquelas crianças tinham sido salvas por ele.

O entrevistador Geneton Moraes Neto perguntou-lhe por que ele guardara segredo por tanto tempo e Nicholas Winton respondeu que ele não havia ficado em silêncio, mas foi porque não tinha o que dizer sobre o que fez.

Em seguida, Nicholas Winton disse: “Aprendi que nossa vida não é o que a gente espera. Todas as coisas importantes acontecem por acaso. Aconteceu de eu estar na Tchecoslováquia na hora certa. Tive a ideia certa de resgatar as crianças, quando todo mundo achava que nem valeria a pena tentar”.

O entrevistador (2011) perguntou-lhe se ele se achava um herói e ele respondeu: “Não me vejo como um herói. Para ser herói, alguém precisa fazer algo de perigoso. Não fiz. O que fiz foi algo que os outros achavam impossível. Mas eu tinha de tentar, para ver se era possível ou não.”

O repórter ainda perguntou se alguém faz algo que os outros acham impossível não seria um ato heroico. Ele respondeu: “Não é um ato heroico. Meu lema é: se algo não é obviamente impossível, então deve haver uma maneira de fazer.”

Ao ser questionado se ele achava que havia feito o mundo um lugar melhor, ele respondeu: “É preciso mais do que um Nicholas Winton para fazer do mundo um lugar melhor. Tudo é uma questão, é uma visão. Quase todas as crianças que salvei estão envolvidas hoje em trabalhos de caridade. Estão fazendo o bem. O importante não é chegar a casa de noite e dizer, passivamente: “Hoje, eu não fiz nada de mal”. O importante é chegar a casa e dizer: “Eu hoje fiz o bem”.

9. Conclusão

O mundo precisa de bons exemplos, de modelos, de referências, de padrões comportamentais iluminados, para motivar as mentes em desenvolvimento, indiferentes, entorpecidas ou com tendências enviesadas. É imprescindível a recordação ou a rememoração de ações inspiradas no bem comum, declaradamente destituídas de interesses pessoais, para despertar consciências, levando as outras a terem total lucidez de suas ideias e de suas condutas, para que suas ações sejam, cada vez mais, voltadas em benefício do coletivo.

Para que esse complexo seja possível, o homem deve sempre pensar em agir no sentido de utilizar suas inteligências. É necessário que ele compreenda que a Inteligência, em geral, é um conjunto de habilidades, de potenciais que podem sempre ser aprimorados; que Inteligência é um conjunto de capacidade, de competências que auxiliam o indivíduo a resolver os inúmeros problemas nos quais “tropeça” ao longo da vida. Além de aspecto biológico, a inteligência tem aspectos psicológicos e sociais. Então, o homem já nasce com a predisposição do potencial inteligente. O que ele precisa é aprimorá-la a favor de si e dos outros para que a vida seja prazerosa para todos.

Estudiosos da Psicologia como Howard Gardner e Daniel Goleman estudaram as inteligências referentes às emoções e declararam com propriedade que desenvolvê-las faz toda a diferença na vida das pessoas. Goleman até afirmava que a inteligência emocional é tão ou mais importante que as inteligências múltiplas.

O desenvolvimento da inteligência emocional deve chegar ao ponto de fazer com que uma pessoa seja capaz, não só de identificar os sentimentos e emoções em si e nos outros, mas também de sentir-se motivado a aliviar-lhes o sofrimento, tamanha passa a ser sua empatia.

Goleman (1995, p. 143) diz a esse respeito:

As crianças são capazes de entender a aflição que está além de um acontecimento específico e constatar que a condição e posição de alguém na vida pode ser um motivo de aflição permanente. Nesse ponto, as crianças podem perceber as circunstâncias de todo um grupo como os pobres, os oprimidos, os marginalizados. Essa compreensão, na adolescência, pode reforçar convicções morais centradas na vontade de aliviar o infortúnio e a injustiça. Esse sentimento é a empatia que é o suporte de muitas facetas de julgamento e ações morais.

Quando Irena Sendler foi indicada pelos nazistas para controlar o Gueto de Varsóvia, para que não houvesse uma epidemia de tifo e se alastrasse para os alemães, tirando judeus contaminados de lá, ela logo teve a ideia de retirar todas as crianças, cujos pais permitiam, a fim de salvá-las, não de epidemia alguma, mas do holocausto.

O mundo precisa de exemplos como esses. As pessoas precisam entender que é de crucial importância desenvolver suas personalidades, no sentido de apresentar um funcionamento mental favorável à paz, ao bem de todos, ao bem-estar de toda a comunidade, sem fronteiras continentais, ideológicas, religiosas, étnicas. É essencial que a benevolência seja divulgada, publicada, expressa em todos os muros, exposta em redes sociais, em noticiários, na mídia em geral, para que todos se sintam convocados a contribuir para a qualidade de vida no planeta, pelo menos para que haja vida sempre e não apenas sobrevivência.

Nicholas Winton e Irena Sendler, simples cidadãos europeus, sensibilizados com o sofrimento alheio, utilizaram suas inteligências emocionais e múltiplas com a finalidade de se aproveitar da atrocidade do nazismo como uma chance histórica para pôr em ação seu socorro em prol das vítimas mais vulneráveis da Segunda Guerra Mundial, que eram as crianças.

Pode-se que eles “comeram um delicioso manjar” diante da humanidade. Essa ação ficou oculta diante dos olhos da maioria. É necessário revelá-la, para que outros possam se sentir provocados a querer experimentá-la. É preciso despertar o desejo de alguns, para acordar suas inteligências emocionais adormecidas há muito ou quase que totalmente ignoradas.

10. Referências Bibliográficas:

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, PP. 390-438.

GARNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**. São Paulo: Artmed, 1993

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. 1998.

HERF, Jeffrey. **Inimigo judeu**. São Paulo: Edipro, 2014, pp. 297-329.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2015.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

MIESZKOWSKA, Anna. **A História de Irena Sendler – A mãe das crianças do holocausto**. São Paulo: Savaiva, 2014.

PARKER, Philip. **História mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (capítulo 4 e 5)

Stackelberg, Roderick (2007). *The Routledge Companion to Nazi Germany*. New York: Routledge. p. 7

Program of the National Socialist German Workers' Party. The Avalon Project.

SCHAMA, Simon. **O Poder da Arte**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

Savelle, Max. **História da Civilização Mundial**. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 1964

SPIER, Agnes Grunwald. **Os outros Schindlers**. São Paulo: Cultrix, 2010.

Snyder, Louis L. (1998). *Encyclopedia of the Third Reich*. Ware, Hertfordshire: Wordsworth Editions. 410 páginas.

www.youtube.com/watch?v=VYdykPCyyPI, acessado em 02/10/2016

ETERNO Judeu. Direção de Fritz Hippler; Alemanha: Ein DokumentarFilm Uber Das WeltJudentum, 1940 (65 min) www.youtube.com/watch?v=rgMco9soMos, acessado em 05/10/2016

www.youtube.com/watch?v=4AgpDol53eM, acessado em 05/10/2016

www.youtube.com/watch?v=Uh6snBZ9s3Y, acessado em 02/10/2016

www.youtube.com/watch?v=AXTd3siJd2Y, acessado em 02/10/2016

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/64929/a-criacao-do-nazismo>, acessado em 09/10/16

vídeo Norm Conard : www.youtube.com/watch?v=zHod5WVDWEA, acessado em 15/10/2016.

<https://www.publico.pt/mundo/noticia/morreu-irena-sendler-a-heroina-polaca-que-salvou-2500-criancas-do-gueto-de-varsovia-1328451>, por Katrina Stolz, acessado em 14/10/2016

O pianista. 2002. Roman Polanski.

Vídeo de Nicholas Winton: www.youtube.com/watch?v=t-TrQAU0VrI, acessado em 14/10/2016

www.raoulwallenberg.net/saviors/others/nicholas-winton-british-savior/, acessado em 14/10/2016

www.youtube.com/watch?v=twNiWDN428, acessado em 14/10/2016

g1.globo.com/Noticias/Mundo/0MUL237574-5602,00.html, acessado em 16/11/2016